



MOBILIDADE ACADÊMICA E CORPOS EM MOVIMENTO: DIÁLOGOS TECIDOS ENTRE EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Tayane Oliveira

tayane_sl1@hotmail.com

Acadêmica do Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Janaína Gaby Trevisan

janainaggt@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Gerson Junior Naibo

gersonjrnaibo@outlook.com

Acadêmico do Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Aspectos introdutórios e normativos

Movidos ao vento, em movimentos. Corpos em ação e mentes em transformação. Sujeitos que se constituem constantemente, de corpo e mentes, com hesitações sobre as questões da ciência geográfica. Corpos e mentes, ação e transformação, inseridos em contextos socioespaciais, em movimento de formação e de constituição, sem destinos e sem paradas, apenas em movimentos.

João Guimarães Rosa em seu romance “Grande Sertão Veredas” escreve a seguinte passagem: “o real não está na saída nem na chegada: ele se

dispõe para a gente é no meio da travessia” (1956, p.52). O texto em questão, tem por intuito caminhar e inspirar travessias, a partir de corpos que se colocaram em movimentos. Da mobilidade física à subjetividade das potências que o movimento nos dá. Corpos que impulsionados pelo saber geográfico, se permitiram explorar possibilidades, transformações e aprendizados.

Na sequência, apresenta-se de forma introdutória, o diálogo tecido entre as experiências e vivências de três corpos em movimentos, sujeitos. Estes,

em questão, realizaram movimentos inseridos na Política de Mobilidade Acadêmica da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

No âmbito desta instituição, por meio da Resolução N° 02/CONSUNI/CGRAD/UFFS/2015¹, é que se institui a Política de Mobilidade Acadêmica e a normatização dos procedimentos para adesão dos programas de mobilidade acadêmica na área dos cursos de graduação da UFFS. Nesta Resolução, para melhor entendimento deste texto, destaca-se o Art. 1° e o Art 2°, nos quais, em suas respectivas ordens, apresentam o que é um processo de mobilidade acadêmica e seus objetivos:

Art. 1º Mobilidade acadêmica é o processo pelo qual um estudante matriculado em uma instituição de ensino superior (IES) pode estudar em outra e, após a conclusão dos estudos, obter atestado que lhe permite aproveitar os estudos realizados para a integralização do seu curso de graduação na instituição de origem.

Art. 2º A mobilidade acadêmica na UFFS tem por objetivo propiciar aos seus estudantes o contato com outras realidades e culturas, mediante o desenvolvimento de atividades acadêmicas em outras IES nacionais e estrangeiras, bem como recebendo em seus cursos estudantes matriculados em cursos de graduação de outras IES. (RESOLUÇÃO N° 2/2015 -

CONSUNI/CÂMARA DE GRADUAÇÃO, 2015, p. 2).

Além de garantir a troca de documentos² entre instituição de origem e instituição de destino, é no âmbito da UFFS que os estudantes homologam todo o processo burocrático da escolha da instituição de destino (que deve estar conveniada com a Resolução do Programa de Mobilidade Acadêmica); do encaminhamento e da validação do pedido, com a ajuda das instâncias acadêmicas competentes para esta finalidade. Essa tramitação é feita com um semestre de antecedência, para garantir que as instituições tenham tempo hábil para verificar e protocolar os processos de solicitações dos estudantes pela mobilidade.

Quando a instituição de destino encaminha o documento com o aceite do pedido, são os estudantes que precisam organizar as malas, mochila e os documentos para a matrícula enquanto aluno especial: providenciar a logística da mobilidade até o lugar escolhido, local de moradia e demais condições necessárias para o tempo de permanência. Ao organizar a bagagem, coloca-se dentro dela, os acúmulos acadêmicos percorridos pelo caminho, assim como é necessário deixar em casa uma parte dessa bagagem, para que a mesma possa ser preenchida com as

¹ Para ler a Resolução na íntegra, acessar o link: <<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consunicgrad/2015-0002>>.

²É interessante destacar que dentre os documentos necessários para o pedido de mobilidade, está a construção de um plano de estudos, que consiste em indicar as disciplinas que o/a estudante deseja cursar e seus objetivos pretendidos durante o período do intercâmbio, logo, é imprescindível que se conheça a grade curricular da

instituição de destino, uma vez que a carga horária para validação posterior, disciplinas disponíveis e áreas de interesse dos estudantes estão sintetizadas nesse documento. Além disso, documentos relativos ao pedido de mobilidade, bem como documentos comprobatórios posteriores podem ser consultados na Resolução N° 2/2015, supracitada.



possibilidades que estão por vir nesse intercâmbio.

Neste texto é consoante entre os estudantes envolvidos que o processo de mobilidade acadêmica possibilita novas vivências, saberes e principalmente, agrega novas experiências culturais e singulares da região de destino escolhida. A instituição de destino, do mesmo modo que a cultura local, amplia horizontes nas perspectivas formativas, corroborando na formação dos estudantes em mobilidade, como indivíduos e também como profissionais. Na sequência do texto, demonstra-se como esses percursos e vivências formativas foram experienciados por cada um dos estudantes.

Percursos e vivências formativas

Nesta perspectiva, em diferentes tempos, contextos e movimentos, Janaína Gaby Trevisan, Gerson Junior Naibo e Tayane de Oliveira, se propuseram em realizar o processo de mobilidade acadêmica nacional para o Nordeste do Brasil, em busca de novas experiências e perspectivas formativas. Nesse movimento encontraram o diálogo latente entre instituição de ensino, contexto sociocultural e formação acadêmica, que resultou em novas experiências. É importante esclarecer

que os processos de mobilidade, assim como as experiências obtidas neles, são diferentes em cada mobilidade acadêmica, logo, as percepções e as vivências relatadas abaixo não se dão de forma linear. Cada um de nós traz ao texto experiências porosas que demonstram um pouco o que foi o período de mobilidade, de forma individual.

Janaína e Gerson realizaram mobilidade acadêmica para a Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza (CE), ambos foram bolsistas Santander no Programa Andifes de Mobilidade Acadêmica, no qual receberam cinco parcelas fixas e mensais de bolsa/auxílio financeiro. Como se trataram de processos em tempo diferentes, ainda que para a mesma instituição, os percursos se apresentarão de forma separada. Como resultado desses dois processos de mobilidade acadêmica, pode-se registrar os minicursos ministrados³, após o retorno dos estudantes.

Janaína encontrou na mobilidade acadêmica a chave de sua transformação acadêmica e pessoal. Bateu o olho nas fotos do *Campus* do Pici, onde está localizado o Departamento de Geografia e soube que era pra lá que iria. Não teve dúvida que a terra do sol seria sua morada durante o período de março a

³Minicursos ministrados: “Mobilidade Acadêmica: experiências compartilhadas”, ministrado para uma turma no VIII Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão - SEPE da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó, e “Cartografia Social: o corpo feminino como território de resistência”, ministrado para duas turmas durante a realização da IX Semana Acadêmica do Curso de Graduação em Geografia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó. Algumas

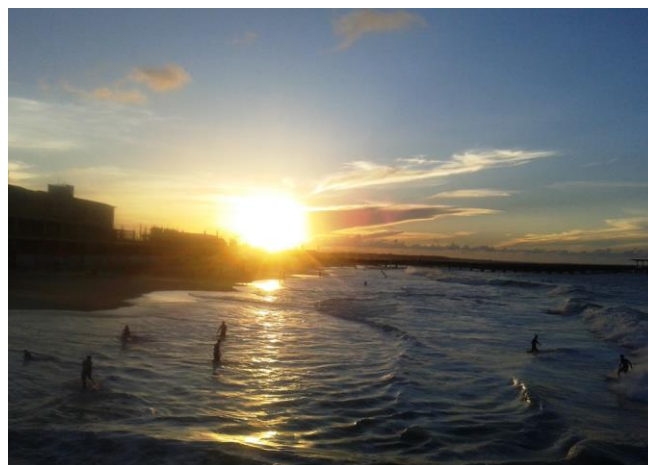
considerações deste último minicurso foram publicados no texto “Da mobilidade acadêmica à mobilização social: a metodologia da cartografia tátil como ponte para o debate de gênero”, disponível nos Anais da XX Jornada do Trabalho, realizada na Universidade Federal Paulista, Faculdade de Ciência e Tecnologia, *Campus* Presidente Prudente (SP) - (UNESP/FCT), que pode ser acessado por meio do link: <https://drive.google.com/file/d/1R6zsL2O_eQyH7F7a3G2IS9MP09HkfkCR/view>

julho de 2016. E assim foi. Entre disciplinas e ações de extensão, a acadêmica pode encontrar na Geografia a combustão do que lhe move nessa ciência. As disciplinas cursadas foram: Geografia Agrária (Francisco Amaro Gomes Alencar), Geografia do Espaço Mundial (José Levi Furtado Sampaio), Geografia do Brasil (José Levi Furtado Sampaio) e Pedologia (Vlândia Pinto Vidal de Oliveira) e o projeto de extensão no qual participou como voluntária intitulase “Educação, direitos territoriais e turismo comunitários: mapeamento colaborativo na comunidade rural Vila da Volta - Aracati/CE”, desenvolvido no âmbito do Laboratório de Estudos Agrários e Territoriais (LEAT) sob coordenação da professora Maria do Céu de Lima. Aos seus percursos formativos não pode deixar de agradecer aos professores e professoras supracitados, essenciais em polir a lente geográfica de ver e sentir o mundo geográfico.

Para além da ressignificação acadêmica, Janaína ressalta que o que faz seu coração pulsar nas lembranças cearenses são os afetos que construiu nesse período: com as pessoas das comunidades que conheceu nos trabalhos de campo, principalmente no sertão nordestino e na comunidade de Vila da Volta; dos caminhos arenosos diurnos e noturnos; do pôr-do-sol que enxergava refletir no mar de Iracema e brilhava na comunidade do Poço da Draga (Figura 01); dos cafés compartilhados em lugares-casa; das andanças pela Messejana; do pedacinho do céu na terra, a Praia da Sabiaguaba, das múltiplas realidades conhecidas e do desejo de transformação que palpita

dentro delas... e, principalmente, dos aprendizados do convívio com pessoas que abriram o coração, sem precedentes, para lhe dar um pedacinho do que é ser Fortaleza, do que é ser Ceará, do que é ser Nordeste.

Figura 01 - Pôr-do-sol na Praia de Iracema (Fortaleza/CE)



Fonte: Arquivo pessoal de Janaína Gaby Trevisan (2016).

Gerson, inspirado em Janaína, realizou a mobilidade acadêmica durante fevereiro à julho de 2018. Nesse movimento, cursou 4 disciplinas, sendo elas Bases Naturais da Geografia do Brasil (Maria Elisa Zanella), Recursos Hídricos (Marta Celina Linhares Sales), Geografia do Brasil (Tiago Vieira Cavalcante) e Oficina Geográfica II - material audiovisual (Christian Dennys Monteiro de Oliveira). Além das disciplinas cursadas, Gerson participou de inúmeros trabalhos de campo enquanto aluno das disciplinas ou como aluno convidado por outras disciplinas do curso, nesta perspectiva, além do Ceará, conheceu diversos estados, como Maranhão, Piauí, Bahia, Paraíba e Rio Grande do Norte. Entre os campos participados, destaca-se, o realizado no

Parque Nacional de Sete Cidades - unidade de conservação brasileira de proteção integral da natureza, localizado no estado do Piauí (Figura 2).

No âmbito do Laboratório de Geoprocessamento e Cartografia Social - LABOCART foi possível a participação em reuniões semanais do laboratório durante todo o período de mobilidade acadêmica. Para além das reuniões de planejamento e estudo, foi possibilitada a participação no Grupo de Estudo: “Cartografia Social - Processos teóricos e práticos”. No Laboratório de Estudos Geoeducacionais & Espaços Simbólicos - LEGES foi possível a participação no Grupo de Estudos Comunicação Patrimonial e Representações do Espaço - COMPARE. Esses laboratórios foram fundamentais para estabelecer novas perspectivas de pesquisas, que desde a sua inserção foram capazes de gerar interrogações, e no momento atual se concretizam em projetos e propostas de pesquisa para o Oeste de Santa Catarina.

Para além dessas atividades, a mobilidade acadêmica proporcionou a participação em diversos eventos acadêmicos e culturais, que possibilitaram uma enorme experiência para a acadêmico. As aprendizagens foram relevantes para o seu processo formativo, principalmente, enquanto professor de Geografia, mas também, enquanto sujeito ativo e proposto as mudanças sociais. Para Gerson, se lançar a esse movimento foi se lançar também a novas oportunidades e experimentações. Os vínculos entre amigos e professores até hoje são mantidos nas relações possibilitadas pelas formas de

comunicação online. Para além desses vínculos mantidos, as memórias são as lembranças vivas desse processo. Lembrá-las é reviver e reviver é viver!

Figura 02 - Parque Nacional de Sete Cidades (Piauí)



Fonte: Arquivo pessoal de Gerson Junior Naibo (2018).

Tayane, influenciada por Gerson e também por Janaína, realizou mobilidade acadêmica de fevereiro à junho de 2020, para a Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, se matriculando em cinco disciplinas: Didática e Práxis Pedagógica II (Josué Leite dos Santos), Teoria da Geografia (Claudemiro Ferreira Cruz Neto), Hidrografia (Antonio Puentes Torres), Biogeografia (Geraldo Marcelo Pereira Lima e Junia Kacenenbogen Guimarães) e Geografia do Espaço Africano (Alcides dos Santos Caldas).

No entanto, devido à pandemia do Covid-19, no dia 18 de março, a Universidade Federal da Bahia suspendeu todas as atividades, apesar disso a acadêmica continuou residindo em Salvador até julho, quando houve a confirmação, através de uma nota da universidade, de que as aulas só voltariam de forma remota e com um

Semestre Letivo Suplementar (2020.3). O semestre não foi concluído pela discente, uma vez que as datas de retorno dos semestres da UFBA e UFFS eram os mesmos, por esse e outros motivos pessoais, foi realizado o pedido de cancelamento do processo de mobilidade acadêmica e retorno para a Universidade Federal da Fronteira Sul no semestre que reiniciou em 21 de setembro de forma remota.

Em virtude do início da pandemia do Covid-19, a suspensão das atividades nas instituições e ao isolamento social, como já mencionado acima, só foi possível que a acadêmica conhecesse de forma muito breve a rica cultura histórica de Salvador, seus monumentos e pontos turísticos, tais como o Farol da Barra, o Pelourinho (Figura 03), o Elevador Lacerda, a Praça da Sé, assim como uma das maiores festas do planeta, o carnaval de rua de Salvador.

Ainda sobre o período de isolamento social, o convívio e a relação com outros sujeitos foi afetado de modo bastante significativo. As relações sociais ficaram restritas às pessoas com as quais a estudante residia, possibilitando assim, o fortalecimento de vínculos afetivos entre esses sujeitos. A acadêmica ressalta a relação criada com Marília, Márcio e Dona Mônica, em especial essa última, que a acolheu como filha durante todo o tempo que residiu em Salvador, e que possibilitou conhecer melhor a cidade através das explicações da história da cidade nos passeios e andanças realizadas nos fins de semanas nos shoppings ou para provar as

comidas típicas baianas como acarajé e bolinho de estudante, ou durante o isolamento social, nas rápidas idas ao mercado. Essas trocas culturais distintas, adquiridas com a mobilidade acadêmica agregaram novas vivências e experiências para a estudante.

Figura 03 - Pelourinho (Salvador/BA)



Fonte: Arquivo pessoal de Tayane de Oliveira (2020).

Para continuar movimentando...

Se lançar aos movimentos, para além das dinamicidades cotidianas e as rotinas na qual se está habituado, estando diariamente em contato com sujeitos cuja relação afetiva era próxima (amigos e familiares), vivendo em uma cidade no Oeste de Santa Catarina, passando a viver em Regiões Metropolitanas, tal como Fortaleza (CE) e Salvador (BA), cujas cidades apresentam culturas e realidades singulares e uma dinâmica urbana totalmente diferente do que se estava habituado a vivenciar, se mostra um desafio. No entanto, ao observar as experiências relatadas no texto, pode-se concluir que os três estudantes conseguiram superar boa parte das dificuldades, estabeleceram outras proposições de vida e aprenderam novas formas de ser e estar nesses



territórios, para além de entender o movimento enquanto constante e processual, respeitando as limitações e singularidades dos sujeitos, frutos de contextos histórico-sociais.

O que podemos salientar de nossas experiências em comum, é que nos colocarmos em movimentos para regiões até então desconhecidas, foi sobretudo, uma experiência que tensionou nossas estruturas pessoais, culturais e sociais. Mesmo que em contextos atípicos - como no caso da pandemia, situação vivenciada por Tayane - estar pisando em terras do Nordeste brasileiro nos possibilitou apreender sobre outras formas de habitar o mundo a partir de uma região rica em culturas, saberes e um povo de acolhimento caloroso, tanto quanto o clima típico que predomina na região.

Para não deixar esquecer...

Para finalizar, gostaríamos de registrar aqui os nossos agradecimentos a professora Gisele Leite de Lima, que sempre esteve firmemente apoiando e auxiliando os nossos processos de mobilidade acadêmica. Para além disso, ela acompanhou todo o processo, do início ao fim, desde as angústias até as alegres comemorações. Gisele, mulher que nos inspira constantemente a pensar sobre os movimentos da vida, não permitindo sermos inertes frente às possibilidades de um futuro, para além de brilhante, transformador de

realidades injusta e incondizentes com o merecimento social. Estamos aqui para além nós. Se aqui estamos é fruto da luta de uma sociedade historicamente oprimida, mas que resistiu e mostrou ao mundo novas cores e possibilidades. Estamos aqui pelo presente e pelo futuro. Estamos aqui por vocês, e porque um dia alguém esteve aqui pela gente. Gisele Leite de Lima, somente te admirar seria pouco, por isso, te dedicamos todas as nossas alegrias e conquistas dos processos de mobilidades acadêmicas para UFC e UFBA.

Referências:

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 01ª ed. Rio de Janeiro (RJ) - Editora José Olympio, 1956.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL. Conselho Universitário.
**Resolução n. 2/CONSUNI
CGRAD/UFFS/2015, de 12 de março de
2015**. Institui a Política de Mobilidade
Acadêmica e normatiza os
procedimentos para a adesão dos
programas de mobilidade acadêmica no
âmbito dos cursos de graduação da
UFFS. Chapecó: Conselho Universitário,
2015. Disponível em:
<<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consunicgrad/2015-0002>>. Acesso em: 23 out. 2020



Com o propósito de celebrar os 10 anos do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó, bem como, realizar um evento alternativo aos tradicionalmente realizados no curso., dadas as condições da pandemia, o Centro Acadêmico de Geografia Therezinha de Castro (CAGET), o Jornal Geográfico (JG) e os Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da UFFS convidam a tod@s a participarem do I Encontro Virtual de Geografia, intitulado “**10 anos de Geografia na UFFS: cenários, desafios e perspectivas**” a ser realizado nos dias 17 e 18 de novembro de 2020.

As videoconferências serão realizadas por meio da plataforma Webex, e transmitidas simultaneamente no Facebook, por meio da página UFFS ao Vivo (<https://www.facebook.com/uffsaovivo>), ficando gravadas para acesso posterior.

O encontro contará com duas conferências virtuais, conforme informações a seguir:

A Geografia no contexto de hegemonia neoliberal na educação brasileira

Data: 17/11/2020.

Horário: 19h30 - 21h30

Conferencista: Dr. Nelson Rego - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Mediador: Willian Simões - Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Link de acesso:
<https://uffs.webex.com/uffs/j.php?MTID=me2f4736c0823b38fb6c41bf16c432125>

Educação geográfica, extensão e pesquisa: o novo triângulo didático para os anos 20

Data: 18/11/2020

Horário: 19h30 - 21h30

Conferencista: Dr. Sérgio Claudino - Universidade de Lisboa (UL)

Mediador: Adriana Maria Andreis - Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Link de acesso:
<https://uffs.webex.com/uffs/j.php?MTID=mbe5ec4145adcbdf5fefac62fa83e3210>

As atividades são gratuitas, e serão certificadas mediante preenchimento de formulário disponibilizado durante as conferências virtuais.

Participe!



DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

O mês de Outubro é intitulado como Outubro Rosa com o objetivo de conscientizar as mulheres sobre o diagnóstico precoce do câncer de mama e agora também do câncer de colo de útero.

Para saber os procedimentos adequados de prevenção você pode se informar através da Unidade Básica de Saúde (Posto de Saúde) do seu bairro. Também, você pode localizar o endereço do seu posto e outras informações sobre a saúde de Chapecó no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.chapeco.sc.gov.br/conteudo/38/saude>.

No site citado há também o contato de telefone de cada Unidade Básica de Saúde.

O DCE apoia essa causa! Previna-se! Divulgue essas informações com outras mulheres chapecoenses!



ANÚNCIOS

	<p><i>Trancista e moquiadora</i></p> <p>in @bm_maqui</p> <p>whatsapp (49) 9 8828 1999</p> <p>location Chapecó, SC</p>	<p>TRUFAS ARTESANAIS</p> <p><i>Shara Trufas</i></p> <p>contato: (49)99947-3453</p> <p>*trufas artesanais;</p> <p>*chocolate de qualidade;</p> <p>*ótimo preço.</p>	<p><i>Atayde Photo</i></p> <p>"Guardando os momentos com toda sua emoção e revivendo com toda intensidade"</p> <p>instagram @ATAYDE_PHOTO</p> <p>whatsapp 49 9 91255461</p>
<p><i>Sebo Capim Guiné</i></p> <p>LIVROS USADOS E NOVOS EM CHAPECÓ</p> <p>VENDA - COMPRA - TROCA</p> <p>bike Entregamos em qualquer local de Chapecó</p> <p>facebook Sebo Capim Guiné instagram sebo_capim_guine</p> <p>whatsapp (49) 9 9941-2517</p>	<p>Gerson Jr. Naibo</p> <p><i>Maquiagens & Consultorias de Beleza</i></p> <p>Não espere mais e agende já o seu atendimento</p> <p>whatsapp (49) 98889-3172</p> <p>instagram @gersonjuniornaibo</p>	<p><i>Solar</i></p> <p>PLANTAS ORNAMENTAIS</p> <p>instagram @plantas_ornamentais_solar</p> <p>(47) 98479-5019 Eduardo</p> <p>whatsapp (27) 99652-0022 Felipe</p>	

PESQUISA CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO

CIDADES PEQUENAS E A PRODUÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA NO OESTE DE SANTA CATARINA

João Henrique Zoehler Lemos

joao.zoehler@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFFS, Chapecó

A narrativa que predomina sobre o Brasil urbano está associada nas mais variadas vezes aos grandes centros, ao cotidiano das metrópoles que prendem a nossa atenção na mídia de massa e produtos do gênero. Mesmo que reconheçamos o dado quantitativo como elemento que, em si mesmo, não explica a dinâmica social no seu conteúdo essencial, se dirigirmos nossas atenções à distribuição da população brasileira, dos 5.565 municípios pesquisados no Censo Demográfico de 2010, apenas 283 deles apresentavam, àquela época, populações totais que são iguais ou superiores às 100.000 pessoas (IBGE, 2010). Nesse conjunto de dados, há um universo de 3.914 municípios com até 20.000 habitantes, o que nos leva a muitas questões.

Logo após essas reflexões, há uma constatação importante: foi estruturado, no território brasileiro, um universo de municípios com populações reduzidas que, por conseguinte, tendem a apresentar cidades com uma população também pequena, que revelam múltiplas relações urbano-regionais, formações territoriais, enfim, manifestações de uma

geohistória tão diversa quanto podemos imaginar. Cada cidade é produzida e formada de maneira intrínseca ao seu contexto do entorno, isto porque as cidades são constituídas de modo relacional.

Entretanto, e pedindo desculpas pelo uso de metáforas, esse verdadeiro “oceano de cidades pequenas” ainda carece de reflexões de conjunto, que visem as articulações com processos mais amplos da condição geográfica contemporânea. São as cidades pequenas que reúnem e conjugam múltiplas realidades de vida, cotidianos variados e que expressam as formações das regiões em que estão inseridas. O imperativo da globalização atinge, vorazmente, contextos variados – isso envolve as cidades pequenas, cidades médias, metrópoles e afins.

Diante dessas considerações, vamos expor algumas conclusões obtidas a partir de nosso plano de trabalho executado no âmbito do projeto de pesquisa *Urbanização e hibridação sacionatural em contextos hidrelétricos*, executado sob orientação do Prof. Dr. Igor Catalão, que contou com financiamento da *Fundação de Amparo à*



Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC, com vigência entre os anos de 2016 e 2018. A partir do recorte territorial situado em cidades pequenas das mesorregiões Oeste e Serrana Catarinense, além de Noroeste e Nordeste Rio-grandense, objetivou-se compreender os impactos da implantação de usinas hidrelétricas nas áreas de fronteira entre os estados, notadamente a partir de cidades, além das implicações do processo de urbanização nos municípios - tanto nas cidades quanto em suas áreas rurais.

Anita Garibaldi e Itá, em Santa Catarina, bem como Pinhal da Serra e Aratiba, no Rio Grande do Sul, compuseram os lugares onde a problemática socioespacial urbano-industrial se manifestou e se manifesta, pela imposição de transformações nos usos do território. Sob a perspectiva teórica da urbanização extensiva proposta por Monte-Mór (1994; 2006), da justiça espacial de Soja (2014) e, por fim, das contribuições de Santos (1994; 1996) e o seu meio técnico-científico-informacional, estruturamos o debate acerca da produção energética em cidades pequenas nos vales dos rios Pelotas e Uruguai. Esses locais passaram a manifestar em seus territórios a concretização das demandas por energia, construídas a partir das necessidades maiormente formadas nos grandes centros urbanos do país. A articulação em rede, que conforma essa extensão “virtual” da urbanização, é uma das marcas de nosso tempo.

Mesmo que de maneira relativa, pois a integração não é completa no sentido de construir interações espaciais

tangíveis mais imediatas, é fato que esses elos das redes de cidades brasileiras passaram a manter relações mais intensas com as formas de organização urbana contemporânea. A manifestação máxima foi a materialização de objetos técnicos de grande envergadura, como são as usinas hidrelétricas, em áreas antes tecnificadas de maneira ainda mais rarefeita.

A longa trajetória brasileira de estudo, proposição e negociação política e, finalmente, da implantação dos complexos objetos geográficos-técnicos que são as usinas hidrelétricas, tem na região Sul do Brasil alguns exemplos notórios. Tal dinâmica origina-se numa miríade de fatores, como a demanda por energia em contexto de expansão do modelo de desenvolvimento capitalista na periferia do sistema, tendo como corolário a ampliação das lógicas de urbanização e circulação no território brasileiro durante o século XX.

As Usinas Hidrelétricas (UHEs) de Itá e Barra Grande, localizadas entre os municípios limítrofes - lócus de nossas discussões - de Itá (SC)/Aratiba (RS) e Anita Garibaldi (SC)/Pinhal da Serra (RS), respectivamente, são produtos dessas intensas e extensas reestruturações urbano-regionais. Implica, no ato de construir uma usina hidrelétrica, para além das questões de fauna e flora que são inadiavelmente atingidas, a ruptura das práticas socioespaciais cotidianas situadas nas áreas atingidas pelo aumento do nível da água para servir como reservatório. A racionalidade da lógica econômica e política dominante não é implantada sem enfrentamentos, como os realizados



pelos movimentos sociais - como o Movimento dos Atingidos por Barragens, MAB - que sinalizam a necessidade de pensarmos o cotidiano a partir de uma perspectiva contrarracional, já que a racionalidade mutila, expulsa e cria injustiças.

Itá (SC) é um caso particular, de repercussão internacional, data a reconfiguração completa da realidade cidadina pretérita à instalação da UHE de Itá. A cidade originalmente construída foi completamente submergida nas águas do reservatório da usina, o que engendrou as condições de uma completa reestruturação da forma urbana, transposta para outro local, em outro patamar de altitude. Não foi apenas a forma urbana que sofreu alterações, já que como visto nas outras realidades atingidas pela instalação dos complexos geradores de energia elétrica, as repercussões nas áreas rurais também foram proeminentes. A expulsão de muitas famílias, em função do enchimento do reservatório de água, gerou rompimentos dos laços sociais das comunidades rurais, provocou a migração forçada de um amplo contingente populacional, bem como potencializou a redução na produção agrícola - base central da economia regional - além de posteriormente favorecer a concentração das terras cultiváveis.

Para concluirmos esta exposição, ao lado das inovações técnico-tecnológicas produzidas pela geração de energia elétrica, coexistem diferenciações socioespaciais, produtoras de realidades espacialmente injustas, como compreendido na

manutenção das rarefações técnicas e nas seletivas melhorias na condição de vida de uma parcela das populações dos locais estudados. Podemos sintetizar algumas contradições, no âmbito das quatro cidades tomadas como planos empíricos para a pesquisa, nos seguintes termos:

1) a construção do imaginário de uma nova cidade, no caso de Itá, ideologicamente forjada sob uma égide moderna e projetada, desdobrou-se a manutenção de condições potencialmente segregadoras em alguns loteamentos da cidade; em Pinhal da Serra e Anita Garibaldi, igualmente, permanecem condições infraestruturais e de esgotamento sanitário precárias;

2) em paralelo ao arcabouço técnico extremamente refinado que foi empregado na construção das UHEs, que permanece nas suas operações automatizadas em muitos setores, continuam as precariedades nas áreas que circundam as usinas, como nas estradas sem pavimentação que permanecem sob péssimas condições de tráfego; isso foi observado em todos os contextos, cabendo uma exceção ao trecho rodoviário que liga Itá ao limite estadual com o Rio Grande do Sul, na UHE de Itá;

3) há toda a transformação na realidade dos lugares que recebem os nexos da globalização, que em detrimento de mais abundantes melhorias, manifestam a concentração dos investimentos apenas nos objetos técnicos representados pelas UHEs.

Além das conclusões acima mencionadas, ao considerarmos as



idades pequenas, reiteramos o importante papel cumprido pelas pesquisas realizadas no âmbito da ciência geográfica, especialmente no nosso caso, através da atenção dada ao contexto local-regional de numerosas cidades pequenas. Se considerarmos a regionalização recentemente proposta pelo IBGE, através das suas Regiões Geográficas Intermediárias e Imediatas, parcialmente equivalentes às subdivisões das Mesorregiões e Microrregiões, o Oeste de Santa Catarina - hoje delimitado pela Região Geográfica Imediata de Chapecó, que não compreende a totalidade das cidades da delimitação anterior - compreende um total de 109 municípios, dos quais 97 possuem uma estimativa populacional para 2020 de 20.000 ou menos habitantes; desses, 83 têm uma população de até 10.000 habitantes (IBGE, 2017; 2020).

Várias pesquisas já foram desenvolvidas em nossa área de aprofundamento, a Geografia. Por exemplo, basta uma rápida busca no repositório institucional digital de nossa instituição, na categoria dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) dos cursos de Licenciatura em Geografia dos *campi* Chapecó e Erechim (UFFS, 2020), que são vistos numerosos estudos que possuem como plano empírico das discussões as cidades pequenas - tanto do estado catarinense quanto do sul-rio-grandense.

Tal realidade ratifica a relevância das instituições de ensino superior públicas e gratuitas, como é o caso da Universidade Federal da Fronteira Sul. Mesmo com algumas poucas exceções, vivemos por longos

anos reféns de contextos excludentes no que tange às formações de nível superior. É apenas com o avanço nos investimentos em ensino, extensão e pesquisa, como observado nas últimas décadas - freado a partir de golpes, desgovernos e afins - que se torna concreta a possibilidade de compreensão e interpretação da realidade local-regional, seja na cidade ou no campo, sob a ênfase que for - não apenas na Geografia mas, para nós, especialmente por ela. Lutemos pela UFFS pública, gratuita, inclusiva, laica, abrangente e de qualidade; tudo isso visto sem neutralidade, pois, o pensar cientificamente não é transparente.

Referências

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html. Acesso em: 18 out. 2020.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estimativas da população. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html>. Acesso em: 10 set. 2020.

UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul. Repositório Digital. Categoria TCC Geografia. 2020.



Disponível em:
<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/61>.
Acesso em: 18 out. 2020.

Leitura complementar

Caso as leituras e os leitores sintam-se motivados a avançar nas leituras sobre o tema aqui exposto, indicamos os seguintes trabalhos, produtos da pesquisa aqui discutida:

LEMOS, João Henrique Zoehler; CATALÃO, Igor. Urbanização extensiva, produção energética e justiça espacial em cidades pequenas gaúchas e catarinenses. *GeoTextos*, v. 15, n. 1, p. 41-63, jul., 2019.

LEMOS, João Henrique Zoehler; CATALÃO, Igor. Urbanização extensiva, produção energética e a (des)articulação da rede rodoviária regional: hipóteses para um debate crítico. In: Seminário Nacional de Planejamento e Desenvolvimento (SNPD), 4, 2019, Chapecó. *Anais...* Curitiba: UTFPR; PPGPGP, 2019. Disponível em: <https://snpd.ct.utfpr.edu.br/index.php/edicao-2019>. Acesso em: 18 out. 2020.

COLUNA LIVRE

CÂNCER, UMA PEQUENA HISTÓRIA DE DOR E UMA GRANDE HISTÓRIA DE AMOR

Mariléa Aparecida Paludo Lóss

marileapl@hotmail.com

Advogada

Em outubro de 2018 um exame de rotina resultou numa suspeita de câncer de mama.

Muito preocupada, mas sempre esperançosa, não contei pra ninguém e fui fazer a biópsia. Resultado: positivo.

E aí, como contar para meu marido e filha?

Para o marido contei depois do almoço. Ele ficou chocado, começou a chorar e eu ali dizendo pra ele, que não era nada grave, que o médico disse que a princípio só faria radioterapia e tudo ficaria bem.

Ele acreditou em mim e ficou melhor.

Decidi não contar pra filha ainda, pois estava em época de provas na universidade e com certeza ficaria abalada com a notícia.

Depois que ela terminou as provas, num dia de passeio, antes de entrar numa loja, contei num tom casual. Ela ficou surpresa... chocada... meio sem ar... entramos na loja, compramos o que ela queria e depois dentro do carro conversamos melhor. Ela chorou e eu expliquei que não era nada grave **e que não ia morrer disso não.**

Enfim ela acreditou em mim e ficou melhor.

No meu trabalho, fiz o que eu podia para deixar as coisas o mais organizadas possível e só contei aos chefes e colegas, na véspera da minha cirurgia. Não queria que ninguém ficasse com pena de mim. Era apenas um câncer e ele iria embora.

Não me abalei profundamente. Fiz a cirurgia para a retirada do nódulo. Não precisei retirar a mama, foi somente o quadrante. Já fiz cirurgia na outra mama também, para que as duas ficassem no mesmo tamanho.

Linfonodo sentinela encontrado. Nova biópsia. Resultado: era necessário fazer quimioterapia. Aí sim chorei na saída do consultório médico, abraçada ao meu marido. Acho que foi a única vez que chorei.

Levantei a cabeça e vamos encarar. Foram 4 sessões de quimioterapia vermelha, uma a cada 21 dias, aquela quimioterapia que faz cair o cabelo, dá vômito, etc.

Caiu cabelo, sobrancelhas, cílios, enfim todos os pelos do corpo.

Fiquei internada uma semana devido a fortes dores no corpo, que confesso, tenho até hoje.

Me senti feia, horrorosa, usei peruca, lenço.... Meu marido querido,

sempre ao meu lado, assim como minha filha.

Era uma “briga” para me acompanhar nas sessões de quimioterapia, os dois queriam ir, além das amigas e familiares... apesar de tudo, foram momentos em que senti muito amor...

Terminadas as quatro quimioterapias vermelhas, fiz mais 12 quimioterapias brancas, uma por semana.

Essas últimas, fora a fadiga, dores nas articulações e inchaço que tenho até hoje, foram mais brandas que as vermelhas. O cabelo começou a crescer...

Agora era a vez das radioterapias. Foram 25 sessões diárias. A princípio não sentia nada, mas na última semana a queimadura da radiação apareceu, muita dor, que se seguiu por meses, até a carne e a pele se regenerarem.

Por mais de oito meses após a cirurgia, uma das mamas ficou drenando, não fechava, saía sangue e eu ali fazendo tudo o que o médico falava, até que um dia melhorou.

Atualmente continuo com medicação via oral. Tenho que tomá-la por cinco anos. Efeitos colaterais: perda de memória, sensibilidade emocional, dores nas articulações e formigamento nas mãos e pés, visão turva, inchaço e outros... Meu médico disse que talvez passe em até dois anos, ou, talvez não passe nunca....

Procuo nem pensar nesses “detalhes” colaterais, ainda quero receber alta desse tratamento, faltam “só” um pouco mais de quatro anos...

Essa a pequena história de dor...

Agora preciso contar a grande história de amor que vivi, desde que descobri o câncer.

Parece que o mundo ficou diferente, nos meus longos dias de cama, pensei muito, li muito, ouvi música, meditei, aprendi muito, principalmente sobre o amor...

Conheci muitas pessoas no hospital que me deram verdadeiras lições de vida...

Jovens, adultos e idosos, mais de quarenta a cada sessão de quimio (e foram 16), todos nós ali, naquele espaço fechado, com uma pequena televisão que poucos prestavam atenção, pois cada dia tinha uma pessoa nova pra conhecer, conversar, saber um pouco da doença que estava passando, de onde era, seu nome, idade, das suas dificuldades... Era uma forma de esquecer a dor que estava sentindo naquele momento.

Nessas conversas, cada vez mais percebia que eu era uma pessoa privilegiada, abençoada, pois apesar das dificuldades que ainda enfrento de retorno ao trabalho, eu ainda tenho um trabalho, enquanto muitos não tinham antes e terão muitas dificuldades para conseguir trabalho depois do câncer...

Quando contei para meu marido que estava com câncer, ele não me abandonou como ouvi o relato de muitas mulheres, pelo contrário, ele ficou ainda mais ao meu lado (na saúde e na doença dizia ele)...

Quando meus familiares souberam, só queriam me proteger, enquanto ouvi de muitos que não tinham ninguém que os acompanhasse....

Quando meus verdadeiros amigos souberam, mesmo aqueles que

fazia anos que não convivíamos, vieram oferecer o ombro e ficar ao meu lado...

Essa comparação me fez perceber que mesmo passando por esse momento tão doloroso, ele não precisava ser triste...

Assim, mesmo não estando muito bem, encontrava forças para sempre dizer palavras positivas a todos os meus companheiros e companheiras de quimio e de radioterapia.

Essas pessoas que as vezes, mesmo adoentadas, passavam o dia todo no hospital, sentadas numa cadeira, esperando para serem atendidas, pois se deslocavam até lá com os veículos das prefeituras e tinham que se adequar aos horários desses transportes.

Sempre agradei muito as enfermeiras e quando as percebia cansadas ou tristes, lhes dava um afago, um elogio, passava até energia quântica para elas, que agradeciam e ficavam mais felizes.

Resultado disso, até hoje converso com várias pessoas queridas de várias cidades da região Oeste, com as quais convivi nesse período de dor... mas feliz, principalmente por tê-las conhecido e partilhado desse momento tão especial das nossas vidas...

Desse momento de aprendizado da minha vida, surgiu a ideia de formar um grupo de mulheres para apoiar outras mulheres com câncer... Nessa caminhada, constatei que além do câncer, as mulheres têm muitas outras dores, sejam elas físicas ou psicológicas, ou ambas.

Com o trabalho e apoio especial da minha família (irmã, filha, cunhadas, sobrinhas e amigas queridas, além dos

maridos de todas), lançamos o “Encontro Vencendo a Dor”, que já teve duas edições, a primeira em 2019 e a segunda em 2020, antes da pandemia.

Nesses encontros, que tiveram a participação de mais de 100 mulheres em cada um, detectamos outras mulheres da nossa pequena cidade de Guatambu/SC, que já tinham ou estavam passando pelo câncer.

Começamos a nos reunir com esse grupo específico, mas infelizmente a pandemia nos afastou fisicamente. Continuamos, mesmo que timidamente, juntas através dos grupos e das conversas virtuais... Precisamos retomar...

De tudo isso, conforme já mencionei, ficou essa grande história de amor... Amor próprio e principalmente amor pelo próximo.

Estudo? Necessário. Profissional de sucesso? Ótimo. Bens e Dinheiro? Bem vindos, mas se somente tivermos isso, não teremos sido nada nesta vida...

Somos a lembrança que deixamos no coração e na memória das pessoas quando partirmos dessa vida...

E eu espero conseguir passar pra outras pessoas essa importante lição aprendida com o câncer.

Eu me chamo Mariléa Aparecida Paludo Lóss, tenho 53 anos, sou Advogada, Especialista em Administração Pública e Direito Municipal, Servidora Pública, tenho uma família linda e amigos verdadeiros, passei por um câncer e sou feliz por ter tido uma nova chance de aprender e de viver...



II Jornada Monteiro Lobato- GERMERSHEIM 2020

Data: 19 de novembro

Horário: das 10:00 às 13:00 horas.

II JORNADA
Monteiro Lobato

NOV 2020 UFFS

USP Universidade de São Paulo
fflch FACULDADE DE FLEBOTOMIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
JGU JOHANNES GUTENBERG UNIVERSITÄT MAINZ
ftsk
GLK

PROGRAMAÇÃO ONLINE E GRATUITA
PRIMEIRO DIA: Quinta-feira, 19 de novembro de 2020, das 10h00 às 13h00

10:00 Boas-vindas & Abertura Cornelia Sieber e Ângela Nunes.	11:50 Apresentação do Projeto do GLK "Traduzindo Lobato" Vanete Santana-Dezmann, Marcel Vejmelka, Silvano Loureiro Pinto, Estudantes integrantes do projeto e Magno Silveira.
10:20 Apresentação do GLK GLK.	12:35 Perguntas para a equipe do projeto e apresentação do próximo palestrante Participação do público. Moderadora: Milena R. Martins.
10:30 Apresentação de Marisa Lajolo Vanete Santana-Dezmann e Marisa Lajolo.	12:45 Minipalestra 1 Emerson Tin.
10:40 Palestra I Marisa Lajolo.	13:00 Encerramento e convite para a semana seguinte Vanete Santana-Dezmann.
11:20 Perguntas para Marisa Lajolo Participação do público. Moderadora: Milena R. Martins.	

Educação Contextualizada e Solos do Seminário: Compartilhando Saberes.

SEMINÁRIO
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E SOLOS DO SEMIÁRIDO

03 A 26 DE NOVEMBRO DE 2020

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
www.even3.com.br/semiarido
[instagram.com/semiarido_](https://www.instagram.com/semiarido_)

REALIZAÇÃO:
GRUPO NATERRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

Evento composto por quatro palestras temáticas sobre educação contextualizada e solos do seminário e por quatro turmas de oficinas sobre ensino de solos do seminário.

Atividade com certificação: Seminário (8h) e oficina (20h).

Inscrições do seminário e oficina: WWW.even3.com.br/seminario

Maiores informações: WWW.instagram.com/seminario_